

A PROCISSÃO DE SENHORA DA CONCEIÇÃO E SUA IMPORTÂNCIA CULTURAL EM CONCEIÇÃO DA FEIRA – BA

Wilson Rogério Penteado Júnior
Tatiane Amorim da Silva Sacramento

Resumo: Este artigo investiga a importância da Procissão de Senhora da Conceição em Conceição da Feira-BA, e os preparativos que a envolvem, entendendo-a enquanto fato social total (Mauss, 1925), por articular as várias dimensões da vida social naquele contexto. Realizada há séculos, tal procissão transcende a religiosidade, apresentando-se como bem cultural que fortalece o sentimento de pertencimento comunitário, consolidando-se como um elemento central na história e cultura locais. Como recursos metodológicos, realizou-se trabalho de campo, envolvendo observação sistemática e diálogos com os devotos, bem como pesquisa ao Livro-Tombo da Paróquia local, além de estudo bibliográfico. Conclui-se que a procissão não apenas preserva, mas também constrói continuamente a identidade cultural de Conceição da Feira, através das relações estabelecidas entre os devotos, reafirmando os laços sociais entre os moradores e renovando sua relevância para as futuras gerações.

Palavras-chave: Procissão. Senhora da Conceição. Identidade Cultural. Memória. Conceição da Feira-BA.

THE PROCESSION OF LADY OF CONCEPTION AND ITS CULTURAL IMPORTANCE IN CONCEIÇÃO DA FEIRA CITY – BA

Abstract: This article investigates the importance of the Procession of Lady of the Conception in Conceição da Feira, Bahia, and the preparations surrounding it. It is understood as a total social fact (Mauss, 1925) because it articulates the various dimensions of social life in that context. Held for centuries, this procession transcends religiosity, presenting itself as a cultural asset that strengthens the sense of community belonging, consolidating itself as a central element in local history and culture. Fieldwork involving systematic observation and dialogue with devotees, as well as research into the local parish's Register of Records, and bibliographical study, were used as methodological resources. The conclusion is that the procession not only preserves but also continually builds the cultural identity of Conceição da Feira through the relationships established among devotees, reaffirming social ties among residents and renewing its relevance for future generations.

Keywords: Procession. Our Lady of the Conception. Cultural Identity. Memory. Conceição da Feira - Bahia.

LA PROCESIÓN DE SEÑORA DE LA CONCEPCIÓN Y SU IMPORTANCIA CULTURAL EN LA CIUDAD DE CONCEIÇÃO DA FEIRA – BA

Resumen: Este artículo investiga la importancia de la Procesión de Señora de la Concepción en Conceição da Feira, Bahía, y los preparativos que la rodean. Se entiende como un evento social integral (Mauss, 1925), ya que articula las diversas dimensiones de la vida social en ese contexto. Celebrada durante siglos, esta procesión trasciende la religiosidad, presentándose como un patrimonio cultural que fortalece el sentido de pertenencia comunitaria, consolidándose como un elemento central de la historia y la cultura locales. Los recursos metodológicos utilizados fueron el trabajo de campo que incluyó la observación sistemática y el diálogo con los devotos, así como la investigación en el Registro Civil de la parroquia local y el estudio bibliográfico. La conclusión es que la procesión no solo preserva, sino que también construye continuamente la identidad cultural de Conceição da Feira a través de las relaciones que se establecen entre los devotos, reafirmando los lazos sociales entre los residentes y renovando su relevancia para las generaciones futuras.

Palabras-clave: Procesión. Nuestra Señora de la Concepción. Identidad Cultural. Memoria. Conceição da Feira-BA.



1. INTRODUÇÃO

A Procissão de Nossa Senhora da Conceição tem marcado de forma indelével a identidade cultural do município de Conceição da Feira-BA. Parte-se da premissa de que essa celebração religiosa, cujos registros remontam ao século XVII, vai além de um exclusivo e isolado ato de fé. A cada ano, ao percorrer as ruas da cidade, a procissão mobiliza fiéis, produzindo uma gama de significados que se interligam a várias dimensões da vida social. Nesse sentido, podemos concebê-la como um fato social total, nos termos propostos por Marcel Mauss (2003).

Ao buscar compreender a sociedade a partir de sua dimensão simbólica, esse autor constatou que nela - na sociedade – “há um enorme conjunto de fatos [...] que são muito complexos” (p. 187), nos quais tudo o que constitui a vida propriamente social se mistura. Desse modo, mostra-se conveniente não se olhar para tais fatos, ou fenômenos sociais, de modo isolado, mas, sim, como elementos integrantes da sociedade e articulados simultaneamente às várias dimensões da vida social, como a política, a econômica, a religiosa e outras. Conforme este artigo demonstra, a procissão de Senhora da Conceição, em Conceição da Feira-BA, pode ser compreendida nesses termos.

A palavra “procissão”, de acordo com dicionário *Oxford Languages* da Língua portuguesa, tem sua etimologia no termo latino *processio*, proveniente do verbo *procedere*, que significa, em linhas gerais, “prosseguir”. Em sua conotação contemporânea, pode ser definida como um aglomerado organizado de pessoas que caminham de uma maneira formal ou ceremonial, frequentemente sob a forma de um cortejo religioso realizado em marcha solene, onde são carregadas imagens consideradas sagradas junto a entoação de orações e/ou cânticos (Perez, 2010; Torquato

Júnior, 2018).

Embora o ápice de uma procissão seja o cortejo, o processo que a envolve se inicia muito antes, cujos detalhes variam a depender do contexto sociocultural onde acontece e, via regra, envolvem o ato de vestir as imagens dos santos homenageados, preparar e ornar seus andores, escalar e fazer cumprir as várias funções e papéis assumidos pelos envolvidos no ato, e assim por diante. Ou seja, o cortejo, tal como visto publicamente, embora densamente significativo, é apenas um “instante fugaz” da vida daqueles que dele participam, posto que tudo nele “é relação e tudo se articula com outras coisas da cultura” (Brandão, 1987, p. 87) dos envolvidos, havendo, por detrás das características aparentes do acontecimento de uma procissão, algo mais profundo da vida social a ser considerado para a compreensão daquele instante.

No caso da Procissão de Nossa Senhora da Conceição em Conceição da Feira, ela está relacionada a uma série de atividades e à atuação de grupos que culminam no acontecimento do cortejo na cidade, envolvendo seus moradores locais, onde o louvor à Santa Padroeira, Senhora Conceição, ganha centralidade. Trata-se de um fenômeno, conforme observado por Carlos Rodrigues Brandão (1985), no contexto analisado por ele, envolvendo a festa à Senhora do Rosário em um município de Goiás, onde tanto a festa como as razões de participação pessoal nela são justificadas por crenças e acontecimentos, pessoais e coletivos, passados entre os devotos e a padroeira. Desse forma, a procissão mobiliza pessoas e grupos em torno dela, proporcionando uma experiência que fortalece o sentimento de pertença e laços entre os envolvidos.

Diante disso, este artigo propõe-se a investigar a importância cultural da procissão de Nossa Senhora da Conceição no município de Conceição da Feira, guiando-se pela questão: De que maneira a procissão de Nossa

Senhora da Conceição contribui para fortalecer a identidade cultural de Conceição da Feira-BA e preservar seu patrimônio cultural? Nesse sentido, o termo patrimônio cultural, tal como aqui acionado não equivale à concepção restritiva relacionada a políticas públicas de reconhecimento patrimonial, mas, sim, como equivalente a bens culturais, independentemente de tramitações legislativas, cuja importância é promovida e legitimada por quem os produz.

Para responder a essa questão, a metodologia adotada seguiu diversas etapas. Primeiramente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica para atender ao tema e seu referencial teórico. Em seguida, a coleta de dados incluiu a análise do Livro de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, bem como observação sistemática da festa e entrevistas com moradores, com o atual pároco e pessoas diretamente envolvidas nas atividades paroquiais, buscando compreender as práticas e significados atribuídos à procissão e seus festejos. Após essa etapa, os dados foram organizados e analisados, permitindo identificar elementos que ajudam a compreender os significados culturais e sociais dessa celebração para a comunidade.

Compreende-se, neste artigo, que os festejos em torno da devoção a Senhora da Conceição em Conceição da Feira-BA, enquadram-se naquilo que se pode denominar “cultura popular”, no sentido exato de que tal fenômeno guarda sua riqueza artística e humana, envolvendo uma pluralidade de sujeitos sociais que revelam modos de ser, de crer e de se conceber no mundo. Nesse sentido, ao abordar sobre tais festejos, entendendo-os como manifestações da cultura popular, busca-se considerá-los enquanto processos culturais a partir de seus próprios termos (Cavalcanti, 2001), de modo que:

Quanto mais qualificarmos os interlocutores e os diferentes processos culturais de que falamos

nesse campo de atuação menos usaremos a noção de cultura popular como rótulo genérico e tipificador (Cavalcanti, 2005, p. 7).

O artigo está organizado em quatro partes principais, incluindo esta introdução. Serão apresentadas, a seguir, de maneira pontual, algumas considerações sobre como os conceitos de identidade cultural e patrimônio cultural se conectam às dinâmicas sociais da celebração à Senhora da Conceição no município de Conceição da Feira-BA. Relacionado a isso, faz-se breve contextualização acerca de aspectos históricos e culturais desse município no estado da Bahia, para melhor se compreender a procissão e sua permanência nesse local. Após isso, são trazidos dados empíricos sobre os festejos que culminam na procissão buscando refletir sobre os processos de mudanças e estratégias de permanências nesta manifestação cultural e o quanto os atos voltados à celebração à Senhora da Conceição revelam valores inerentes ao próprio modo de vida dos envolvidos. Por fim, nas considerações finais, arremata-se a análise sobre como a procissão reflete a identidade cultural local, destacando sua capacidade de se adaptar às mudanças e de continuar agregando a comunidade ao longo do tempo.

2. IDENTIDADE CULTURAL E O MUNICÍPIO DE CONCEIÇÃO DA FEIRA

A identidade cultural de uma comunidade é construída, entre outros aspectos, a partir de práticas, rituais e valores que fortalecem os sentimentos de pertença e identificação dos envolvidos. Trata-se de um processo criativo e raramente consensual, no qual diferentes visões são colocadas sob tensão, e revisões morais e apelos conceituais são mobilizados numa relação coletiva e dinâmica, marcada por alianças e possíveis conflitos.

Em Conceição da Feira, a procissão de Nossa Senhora da Conceição

desempenha um papel essencial nesse processo, atuando como elo entre o passado e o presente e unindo a devoção religiosa à preservação da cultura local. Gonçalves (2003) destaca que o patrimônio cultural, especialmente o imaterial, deve ser compreendido como uma “categoria do pensamento”. Para o autor, o valor do patrimônio vai além de seu aspecto histórico ou estético, representando significados profundos e essenciais para a formação e renovação das identidades culturais. Nessa perspectiva, o patrimônio não é uma mera coleção de elementos do passado, mas sim um conjunto dinâmico de práticas e símbolos que reforçam o sentimento de pertencimento e continuidade de uma comunidade.

Esse entendimento é complementado pela definição de identidade cultural de Pantoja e Maués (2011), que enfatizam que a identidade cultural não é algo fixo ou definido de forma rígida. Segundo os autores, “não existe identidade cultural em si mesma, definível de uma vez por todas” (p. 182). Essa visão ressalta que as identidades são moldadas pelas interações sociais e adaptadas ao longo do tempo, processo que é claramente observado na procissão em Conceição da Feira. A procissão, ao reunir os devotos em torno de uma devoção religiosa, torna-se expressão viva de uma identidade coletiva, adaptando-se e renovando-se conforme os contextos sociais e culturais mudam.

Segundo Gonçalves (2003), ao empregar a categoria “patrimônio” para analisar diversos contextos, faz-se necessário adotar certas preocupações, sendo essencial contrastar cuidadosamente as concepções do observador e as concepções nativas. Na perspectiva da comunidade de Conceição da Feira, elementos como os andores, as imagens e os objetos utilizados na procissão são carregados de significados profundos, funcionando como extensões da própria fé e da devoção a Senhora da Conceição. Para essas pessoas devotas, tais bens materiais expressam a presença da divindade cultuada e a tradição que permeia a celebração.

Por outro lado, observadores externos, como pesquisadores e estudiosos, tendem, predominantemente, a ver esses elementos da procissão como símbolos materiais de uma "identidade" e de uma "memória" que representam a cultura da comunidade. Para eles, os objetos e rituais são como marcas visíveis que ajudam a entender o que faz parte dessa cultura e patrimônio. Essa diferença entre como a comunidade vive suas manifestações culturais e como os observadores as veem também é explorada por Veloso (2006), que aduz sobre o "fetiche do patrimônio". A autora explica que, para quem olha de fora, aquilo que podemos classificar como um patrimônio cultural muitas vezes é visto como algo idealizado, como uma relíquia que precisa ser mantida sempre do mesmo jeito. Esse olhar externo, por vezes, acaba distanciando as pessoas observadoras do genuíno significado que uma dada manifestação cultural tem para quem a vive.

Como este artigo procurará demonstrar, a procissão de Senhora da Conceição em Conceição da Feira é marcada pelo comprometimento dos fiéis que a mantêm viva, incluindo mudanças, tensões, retomadas e processos de resistência.

Mudanças recentes na procissão, como será discutido adiante, destacam a relação entre práticas religiosas e identidade cultural. Eventos como o retorno da procissão à Capela Velha em Conceição da Feira, fazem com que a comunidade reforce o elo entre o espaço sagrado e a memória do evento. A inclusão da Bíblia na procissão, proposta por um pároco em 2005, visou centralizar a Palavra de Deus, mas gerou tensões por ser vista como uma tentativa de "protestantizar" a procissão. Após debates, a tradição, tal como entendida e fomentada pelos devotos, prevaleceu na procissão, com a imagem de Nossa Senhora no centro do cortejo e a Bíblia como elemento complementar.

Tais eventos, colocados aqui à guisa de exemplo, refletem a negociação entre tradição e inovação, conforme veremos. Em adendo, a retomada de uma antiga prática incluída nos festejos voltados à procissão em Conceição da Feira-BA, o leilão de animais, marca sua importância como estratégia eficaz que busca garantir a permanência material da festa, ao tempo que aglutina uma série de valores e sujeitos sociais que compõem o território.

Sobre o local onde tais relações se dão, isto é, o município de Conceição da Feira-BA, cabe observar que, de acordo com o censo realizado em 2022 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município contava com 20.800 habitantes, e população estimada para 2024 de 21.499 pessoas, apresentando uma densidade demográfica de 126,22 habitantes por quilômetro quadrado. Situado a cerca de 69 km da capital Salvador, ocupa uma área de aproximadamente 196 km². Faz divisa com os municípios de Cachoeira-BA, São Gonçalo dos Campos-BA, Cabaceiras do Paraguaçu-BA e Antônio Cardoso-BA e está localizado exatamente entre a Região Metropolitana de Feira de Santana e o Recôncavo da Bahia (Santos, 2017).

Contudo, de acordo com o Governo do Estado, que desde 2007 passou a adotar o sistema de classificação de seus municípios segundo “territórios de identidade”, isto é, um modo de organização geográfica que busca aglutinar populações municipais tendo por base elementos de sua identidade cultural, aspectos socioeconômicos e climáticos, Conceição da Feira integra o território de identidade denominado “Portal do Sertão”, compondo com 16 (dezesseis) municípios: Feira de Santana, São Gonçalo dos Campos, Santo Estevão, Ipecaetá, Antônio Cardoso, Anguera, Tanquinho, Santa Bárbara, Santanápolis, Coração de Maria, Amélia Rodrigues, Teodoro Sampaio, Terra Nova, Conceição do Jacuípe, Irará e Água Friaⁱ.

Antes de conquistar sua emancipação política, em 1926, Conceição da Feira fazia parte do município de Cachoeira, um dos mais antigos e importantes

do Recôncavo Baiano. Durante séculos, Cachoeira foi um centro econômico e político com grande influência sobre as localidades ao seu redor.

A história de Conceição da Feira começa, pode-se afirmar, no século XVII, quando foi construída uma pequena capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, que até hoje é a padroeira da cidade (Santos, 2017). Essa capela foi o ponto de partida para o surgimento de uma vila que, com o tempo, atraiu pessoas de várias regiões: moradores, comerciantes e devotos que se reuniam ali em busca de fé, trocas e oportunidades.

A vila que nasceu ao redor da capela ficou conhecida como Arraial de Nossa Senhora da Conceição da Nova Feira (Santos, 1996). Esse nome refletia tanto a devoção à santa quanto a importância das feiras que começaram a ser realizadas ali. De acordo com a bibliografia sobre a história do município, as feiras não eram apenas locais de comércio, mas também momentos para encontros e celebrações. Agricultores, artesãos e pequenos comerciantes chegavam de longe, trazendo produtos e novidades, e contribuíram para que a vila crescesse e se tornasse mais dinâmica. Mesmo sendo parte do território de Cachoeira por muitos anos, Conceição da Feira foi construindo sua própria identidade e tradições. A devoção à padroeira e as feiras fortaleceram o vínculo das pessoas com o lugar e prepararam o caminho para que o arraial, séculos depois, se tornasse, um município emancipado.

No que concerne à população de Conceição da Feira, pode-se afirmar que se compõe da confluência de influências culturais e étnico-raciais indígenas, africanas e europeias, que marcaram sua história e modos de vida ao longo dos séculos. Do ponto de vista socioantropológico, a cidade reflete a dinâmica típica de localidades interioranas da Bahia, onde as relações comunitárias desempenham um papel central na organização social.

A oralidade, os saberes tradicionais e as práticas culturais, como as festas populares e as manifestações religiosas, são aspectos fundamentais que

marcam as pessoas do lugar. Além disso, a estrutura familiar e os laços de vizinhança ainda possuem grande relevância, contribuindo para o fortalecimento das redes de solidariedade e cooperação entre os moradores. As desigualdades sociais, contudo, também fazem parte dessa realidade, sendo um desafio para o desenvolvimento local, mas que não impede o protagonismo da comunidade na valorização de seus referenciais histórico-culturais e na busca por melhores condições de vidaⁱⁱ.

3. A PROCISSÃO DE SENHORA DA CONCEIÇÃO EM CONCEIÇÃO DA FEIRA-BA

Concordando com Torquato Júnior (2018), pode-se afirmar que as procissões são manifestações culturais da religiosidade, sobretudo católica, ainda muito comuns em cidades do interior do Brasil.

Estudos no campo da historiografia (Del Priori, 1994; Santos, 2001, 2004; Jurkevics, 2005, entre outros) têm identificado a pluralidade da existência no Brasil das festas religiosas católicas, em geral, e das procissões, em particular, desde o período colonial. Como apontam alguns desses estudos:

Algumas das festas religiosas que atualmente movimentam milhões de devotos, por todo o país, são heranças do que foi chamado de religiosidade colonial ou catolicismo popular, enquanto outras foram sendo incorporadas no calendário religioso, ao longo da história brasileira. No entanto, além de se constituírem em um fenômeno de longa duração, são marcadas por um profundo referencial de fé, ainda que os elementos que as compõem sofram influências próprias da região onde são celebradas. (Jurkevics, 2005, p. 77).

A procissão de Nossa Senhora da Conceição se inclui no rol das procissões mais antigas do Brasil. Conforme já mencionado, a história que dá origem ao lugar onde hoje se encontra o município de Conceição da Feira é contada a partir dessa santa. Sua imagem teria aparecido, por volta de 1645, em um terreno que pertencia a um devoto de nome Manoel Araújo Aragão que, inspirado por sua fé, teria construído uma pequena capela

para Nossa Senhora da Conceição, que logo se tornaria um ponto de referência religiosa e de sociabilidade importante para as pessoas da região. Desse marco, teria originado a devoção coletiva marcada pelos festejos anuais com culminância na procissão para celebrar, no mês de dezembro, a padroeira, atravessando gerações.

A referência a esse momento originário está materializada na capela que à ocasião fora construída e que atravessa os séculos. O local onde se encontra é denominado atualmente bairro Conceição Velha e, restaurada, a capela contém imagens da padroeira da cidade e outras imagens, como a dos santos São Paulo e São Pedro, com a ocorrência de missas e alguns eventos benficiares (Santos, 2017).

Com o passar dos anos, no entanto, ainda no século XIX, a estrutura física de tal capela começou a sentir os efeitos do tempo e, mesmo com reparos, não conseguia mais atender às necessidades dos fiéis. Foi, então, construído um novo templo religioso. Para isso, em 1830, um casal devoto, Manoel Fernandes da Costa e sua esposa, Dona Antônia Florinda de São José, decidiu doar um terreno para que o novo templo fosse construído. Sua inauguração se deu oito anos depois, isto é, em 8 de dezembro de 1838, dia de Nossa Senhora da Conceição, como indica uma inscrição em mármore na fachada do atual templo.

Esse advento não somente possibilitou o acolhimento de ainda mais fiéis, confirmando aquele lugar geográfico como importante referência de encontro e devoção, mas também alterou o destino político do arraial que ali se formara, posto que em 1847 foi elevado à condição de freguesia, denominada Nossa Senhora da Conceição Nova da Feira, subordinada à Vila de Cachoeira, vindo a se emancipar apenas de 1926, sob o nome Município de Conceição da Feira, conforme dito anteriormente.

Figura 1 – Imagem da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, fundada em 1838.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Atualmente, a organização dos festejos a Senhora da Conceição é realizada por uma comissão composta por um presidente, primeiro e segundo secretários e um tesoureiro. Esse grupo é responsável pelo planejamento do conjunto de eventos em louvor à Santa. Ao longo do ano, a comissão promove atividades como o “Forró do Padre”. Criado em 2014, este evento festivo é realizado anualmente no mês de julho e objetiva a arrecadação de fundos para a festa da procissão. A entrada costuma ser vinculada à compra de uma camisa, funcionando também como espaço de confraternização entre os fiéis e a comunidade. Além disso, organiza-se a venda de camisas e acessórios religiosos, bem como a venda de alimentos em frente à igreja, de modo a envolver a comunidade e garantir os recursos materiais necessários para a celebração em dezembro.

Entre as atividades de arrecadação há também o leilão que se destaca como sendo um dos eventos que mais contribui para o financiamento da festa, e também a cavalgada que, simbolicamente, dá início ao acontecimento do leilão anualmente.

Na cavalgada, vaqueiros, devidamente trajados com calças, botas, chapéus e montados em seus cavalos, se organizam diante da igreja para receber a bênção do pároco. O pároco, vestido com paramentos litúrgicos brancos, saúda os participantes e, com uma mão levantada, asperge água benta sobre os presentes, segurando na outra o ramo verde característico do rito católico.

Figura 2 - Vaqueiros alinhados em frente à Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição, aguardando a bênção dos animais. Conceição da Feira-BA, 15 de setembro de 2024.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Esse ritual demonstra como a religiosidade católica se articula com os modos de vida da comunidade rural em Conceição da Feira-BA, conferindo sentido sagrado às práticas do campo. Tal ato ganha pleno sentido quando sabemos que, de acordo com os dados do IBGE, no censo de 2022, dos 20.800 habitantes do município, cerca de 38% dessa população vive na zona rural, sendo a economia predominantemente voltada à pecuária, com

a criação de gados e aves. A bênção direcionada aos vaqueiros e a seus animais, nesse sentido, expressa o reconhecimento e a valorização do trabalho rural, evidenciando que os atos religiosos ali presentes se fazem em efetivo diálogo com os modos de vida e produção do lugar.

Figura 3 - Bênção dos vaqueiros e dos animais realizada em frente à Igreja Matriz antes do início do leilão benéfico da Festa de Nossa Senhora da Conceição, em 15 de setembro de 2024.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Pode-se compreender, ainda, que o rito de bênção dos vaqueiros e dos animais, que abre oficialmente o leilão, materializa essa continuidade histórica: a figura do vaqueiro, que no passado foi essencial na ocupação, na organização do território e na manutenção das práticas comunitárias, permanece, hoje, como símbolo e agente ativo na sustentação das tradições religiosas e culturais do município. Isto reflete como a religiosidade local integra elementos da vida no campo, dos saberes rurais e das tradições comunitárias, no próprio espaço litúrgico.

É uma cena que materializa a espera do sagrado. Estar ali, montado, em silêncio, diante da Igreja, não deixa de ser uma forma de oração, onde cada homem, cada cavalo, cada criança, compõe o cenário de uma tradição que se atualiza todos os anos. Ali, reafirma-se a importância local devotada à Padroeira fazendo com que seus devotos, por meios de seus louvores e festejos, reafirmem também quem são, acionando memórias, expressando sentimentos e modos de conduzir a existência.

O leilão, que dá sequência aos festejos a Senhora da Conceição, por sua vez, carrega muitos sentidos que nem sempre são percebidos de imediato. Por trás do ambiente festivo e da fé que move tantas pessoas, existem formas de organização, reconhecimento e disputas silenciosas que ajudam a entender como o poder também se manifesta nesses encontros.

3.1 O leilão

Há registros do leilão incorporado à programação da festa a Senhora da Conceição desde 1949 (Gomes, 2021). Em sua configuração atual, tem sido realizado no mês de setembro, embora não haja uma data fixa no mês para sua ocorrência. A definição do dia é feita pela comissão organizadora da festa, considerando a disponibilidade dos colaboradores, dos espaços e as demandas da própria comunidade. Segundo o pároco atual, a comissão envia uma carta a grandes e pequenos agricultores, empresários e pequenos empreendedores, solicitando doações para o leilão. A princípio, cada doador contribui conforme sua disponibilidade, e os itens doados vão desde produtos agrícolas a objetos de valor variado. No leilão há também muitos participantes que comparecem ao evento exclusivamente para arrematar prêmios.

O leilão carrega muitos sentidos, memórias e formas de organização que dizem muito sobre a vida em comunidade. Embora seja marcado pelo princípio de solidariedade e religiosidade, é possível perceber que o evento

também se realiza como um espaço onde se constroem e disputam posições sociais dentro da comunidade. Em meio aos lances, às doações e às ações públicas, surgem formas de visibilidade dotadas de intencionalidades. Tais formas revelam estratégias de prestígio, reconhecimento e autoridade simbólica. Isto significa que nesse espaço aparentemente espontâneo e comunitário se revelam formas sutis de construção de autoridade, de reconhecimento social e de negociação simbólica de papéis.

Certas pessoas têm sua presença destacada, seja por realizarem doações de itens de valores mais altos, seja porque são figuras já conhecidas na cidade, como comerciantes, políticos locais ou lideranças religiosas. A forma como essas presenças são anunciadas, a maneira como os nomes são repetidos ao microfone ou no espaço que ocupam no evento ajudam a construir uma imagem pública, o que pode reforçar sua influência e prestígio junto à comunidade.

Gestos aparentemente simples, como doar um animal e arrematá-lo de volta, são formas de marcar e destacar a própria presença. Nesse sentido, pode-se firmar que o gesto de doação extrapola sua orientação sacro-devocional, embora não esteja dela desvinculado, e comunica algo mais, isto é, o investimento em uma posição social que se quer destacada e prestigiada. Nesse sentido, o poder aqui não se manifesta de forma necessariamente autoritária, mas circula através de símbolos, gestos e reconhecimentos. Revela-se, portanto, como um campo simbólico de poder, onde as trocas não são apenas materiais, mas também sociais e políticas.

No contexto do leilão, esse reconhecimento se manifesta quando figuras como organizadores antigos, grandes doadores ou devotos já conhecidos são constantemente valorizados e lembrados em público. A sua autoridade

é construída processualmente, com base em gestos repetidos, na memória coletiva e na confiança que despertam. O poder, nesse cenário, não se impõe, mas é socialmente construído por meio do respeito conquistado e do prestígio consolidado ao longo do tempo. Como explica Pierre Bourdieu, o poder simbólico é “uma forma transformada, quer dizer, irreconhecível, transfigurada e legitimada, das outras formas de poder” (Bourdieu, 1989, p. 15), que atua sem aparência de imposição, mas com efeitos reais, porque se apoia na aceitação social das relações de força.

Esse tipo de reconhecimento também aparece nas falas dos próprios envolvidos com o leilão. Em conversa realizada durante o trabalho de campo, um dos organizadores do evento compartilhou a percepção de que as motivações para doar variam: há quem contribua movido pela fé e há também quem busque visibilidade, desejando ter o nome citado diversas vezes ao microfone. Ele relatou, por exemplo, um episódio envolvendo uma figura pública que havia prometido doar um animal de grande porte para o leilão, mas que, na véspera do evento, desistiu da doação. Em vez disso, a estratégia adotada foi participar ativamente do leilão arrematando vários animais, o que garantiu que seu nome fosse repetido várias vezes ao longo da festa. Tal episódio evidencia como o leilão também pode funcionar como espaço de construção de imagem pública, onde gestos de participação se tornam formas de reconhecimento simbólico diante da comunidade.

Esse relato reforça que o leilão corresponde a um palco onde se misturam fé, prestígio e desejo por reconhecimento, revelando disputas e intencionalidades que estão na ordem da dimensão política. Os gestos públicos, como doar ou organizar, falam muito sobre as relações de influência, os modos de aparecer e os diferentes lugares que cada pessoa ocupa dentro da comunidade. Nesse sentido, os doadores não apenas contribuem com a festa, mas também se posicionam diante da

comunidade, reafirmam alianças, ganham visibilidade e, em muitos casos, reforçam sua autoridade dentro daquele espaço público.

A partir dessa perspectiva, o leilão da Festa de Nossa Senhora da Conceição pode ser entendido não apenas como uma prática de arrecadação, mas como um espaço onde se constroem e se reafirmam lideranças, relações de influência e reconhecimento público, mesmo estando inserido em um contexto cuja finalidade central é de fundamentação votivo-religiosa.

Do exposto, que apesar de a procissão que se realiza no mês de dezembro em louvor à Senhora da Conceição ser o ápice da festa, há um conjunto importante de atividades precedentes que mobiliza Conceição da Feira e seus moradores, como é o caso do leilão. Passemos, agora, a considerações sobre a procissão em si que, em sua condição ritual de curta duração dentro do ciclo festivo, se constitui no momento mais esperado na comunidade e os acontecimentos que lhe dizem respeito ajudam a revelar sobre Conceição da Feira e a devoção de sua gente.

3.2 A procissão

Com o passar dos anos, a celebração de Nossa Senhora da Conceição foi ganhando novos elementos. Em sua configuração atual, a procissão percorre as ruas principais da cidade de Conceição da Feira, como as ruas Miguel Calmon, Rui Barbosa e Castro Alves, em um trajeto de cerca de duas horas. A celebração reúne não apenas os católicos da cidade, mas também devotos de municípios vizinhos, como Cachoeira, São Félix, Maragogipe, Santo Amaro e São Gonçalo dos Campos.

No trabalho de campo realizado com os devotos, constatou-se que suas memórias foram capazes de acessar acontecimentos das últimas quatro décadas, com apontamentos sobre alguns fatos esporádicos datados dos

anos de 1980 e uma riqueza maior de detalhes de acontecimentos ocorridos a partir da década de 1990. Contam que, naqueles anos iniciais, era comum a participação de várias imagens de santos no cortejo, que eram carregadas em andores durante a procissão. Esse costume, transmitido de geração em geração, envolvia a dedicação e a organização dos fiéis da comunidade.

De acordo com memórias relatadas pelos moradores devotos, desde, ao menos, a década de 1980 até 2004, muitos santos eram carregados na procissão, vários deles por serem padroeiros de pequenos povoados do município, cujos devotos os levavam à procissão em seus andores, e segundo orientação do pároco da época. Mas, outras imagens pertencentes a municípios vizinhos também eram carregadas na procissão, variando de ano para ano, a depender das negociações envolvendo pároco e fiéis.

Neste ínterim, alguns acontecimentos no modo de condução da procissão são lembrados como eventos dramáticos pelos devotos. Um desses acontecimentos refere-se à mudança de data da procissão, não respeitando o dia consagrado à santa, o 8 de dezembro. Relatam que, no ano de 1984, quando um novo pároco havia assumido a paróquia, foi alterada a data da procissão para o dia 9 de dezembro, abrindo precedentes para que não mais ocorresse impreterivelmente na data do dia da Santa. Segundo os relatos, a decisão teria sido motivada naquela ocasião pelo desejo de prolongar o feriado local.

Além disso, segundo relatos, o mesmo pároco teria proposto a substituição da imagem de Nossa Senhora pela Bíblia Sagrada no cortejo da procissão. Contudo, essa ideia enfrentou forte oposição da comunidade, que não aceitou a retirada da imagem da padroeira. Como solução, inicialmente foi sugerido que a Bíblia Sagrada precedesse a imagem de Maria na

procissão, mas os fiéis também resistiram, e, por fim, permaneceu a imagem de Nossa Senhora conduzindo o cortejo, seguida pela Bíblia. Esses relatos ilustram as tensões e negociações que marcam as práticas religiosas e culturais, evidenciando o papel ativo da comunidade na preservação de seus valores e tradições, mesmo diante de propostas de mudança.

A partir de 1993, segundo relatos, outra mudança significativa ocorreu com a introdução de uma imagem de Nossa Senhora em roca e tamanho natural, que substituía a imagem menor carregada tradicionalmente no cortejo, causando surpresa e certa insatisfação entre os devotos. Em 1994, a procissão contou novamente com uma imagem substituta, dessa vez com a imagem de Nossa Senhora da Conceição vinda de Maragogipe-BA.

Em suas memórias, alguns entrevistados narram também que em 2000 a procissão foi enriquecida com a presença da imagem do Senhor do Bonfim, vinda de Muritiba, outro município próximo, ocupando o penúltimo andor do cortejo. Já em 2002, outras imagens de devoção popular participaram, incluindo-se Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, Nossa Senhora do Rosário de Pompéia de Salvador e Nossa Senhora do Rosário de Fátima, da irmandade dos Arautos do Evangelho, também de Salvador. Nesses anos, o cortejo trazia em seu final a imagem tradicional de Senhora da Conceição da Feira.

Em 2004, justamente o que correspondeu ao Ano Mariano Paroquial em comemoração aos 150 anos do Dogma da Imaculada Conceiçãoⁱⁱⁱ, a procissão contou com a imagem do Senhor do Bonfim ocupando a posição de destaque no cortejo, relegando a Senhora da Conceição em segundo plano, causando desconforto e insatisfação em muitos devotos.

Com a chegada de um novo pároco, em 2005, os devotos lembram que a paróquia passou por mudanças significativas. Atendendo a pedidos das

comunidades, ele determinou que os andores dos padroeiros das capelas locais não mais acompanhasssem o cortejo principal. Para muitos, transportar as imagens dos padroeiros até o centro da cidade representava uma grande responsabilidade e riscos de acidentes. Além disso, alguns fiéis expressaram que, ao focarem nos andores de seus padroeiros, sentiam que perdiam a oportunidade de ficar próximos ao andor de Nossa Senhora, considerada a verdadeira "dona" da festa.

Nesse mesmo período, restabeleceu-se a data tradicional da procissão, voltando a realizá-la no dia 8 de dezembro, independentemente do dia correspondente da semana, trazendo de volta à centralidade do cortejo a imagem considerada tradicional de Nossa Senhora da Conceição.

Com a chegada de outro novo pároco em 2010, outras mudanças também ocorreram, sendo uma das mais destacadas pelos devotos a retirada da Bíblia e a inclusão de novos elementos e imagens. Entre as novidades, passaram a compor a procissão a imagem de Senhora Santana, mãe de Maria, a imagem de São José, seu esposo e pai adotivo de Jesus, e o quadro da Misericórdia^{iv}.

A partir desse período, difundiu-se também o uso de camisas com a imagem de Nossa Senhora, inicialmente criadas como forma de arrecadar fundos para a festa da padroeira. Atualmente, essas camisas são um símbolo da procissão, marcando a identidade visual e o engajamento da comunidade. As inovações do aludido padre centralizaram o ícone de Senhora da Conceição no acontecimento da procissão, tornando-a ainda mais representativa e significativa para os fiéis e para a história da paróquia, segundo a própria percepção deles.

Figura 4 – Devotos carregando o andor da Senhora Conceição, durante procissão.



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

Em 2019, a paróquia passou a viver um novo momento, marcado pela chegada de um outro novo pároco. Dentre as mudanças na organização da procissão, identificou-se a necessidade de acrescentar uma missa às 5h30 da manhã na Capela da Conceição Velha, local que representa as origens históricas da festa, projetada para ocorrer logo após a alvorada, isto é, após o ato que marca o início da celebração à padroeira, caracterizado pela queima de fogos, e seguida das demais missas celebradas ao longo do dia, isto é, a das 10h e a das 16h na Igreja Matriz, sendo esta última seguida pela procissão.

Os eventos narrados expressam as vicissitudes às quais a procissão está sujeita, envolvendo mudanças de párocos e suas diferentes visões e investidas e também, como contrapartida, os processos de negociação e resistência envolvendo os fiéis. Observa-se que, se, por um lado, a devoção à Senhora da Conceição está sempre suscetível a diretrizes que cada novo pároco estabelece para o acontecimento das celebrações, por

outro, os devotos estabelecem para si e na relação com a Igreja os parâmetros do aceitável diante do repertório de possibilidades colocadas no horizonte.

A partir das narrativas apresentadas por eles, é possível constatar que nas últimas duas décadas, a partir das medidas tomadas pelos diferentes párocos que assumiram a condução dos festejos, a iconografia da Senhora da Conceição veio ganhando cada vez mais centralidade no cortejo, iniciando-se pelas medidas tomadas pelo então pároco em 2005, conforme aludido acima, passando pela difusão das camisas iconográficas da Santa, até a decisão de realização de uma das missas de celebração no lugar originário dos festejos, a Capela Velha, servindo no presente como testemunho do tempo que marca simbolicamente a fidelidade da comunidade à Senhora Conceição.

Tais medidas devem-se, pois, ao modo implicado como coletivamente os devotos negociam valores que lhe são caros, conduzindo os modos possíveis de celebrar a Santa e conduzir seu cortejo.

Constituindo-se como evento mais aguardado do ano, a procissão de Senhora da Conceição, a cada dezembro, se renova na cidade com atos de devoção e fé performatizados publicamente nas ruas. O cortejo mobiliza as diversas irmandades religiosas, centenárias, que ainda existem no município, e que seguem em filas organizadas, com cada grupo vestindo trajes específicos e identificáveis por suas cores tradicionais. À frente da procissão, liderando o cortejo, seguem o pároco, os coroinhas e os ministros, que caminham junto às irmandades, criando uma composição harmoniosa e respeitosa para o momento de celebração.

Figura 5 - Frente do cortejo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Figura 6 - Participação da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário na procissão.



Fonte: Arquivo pessoal, 2024.

Atualmente, a procissão é composta apenas pela imagem de Nossa Senhora da Conceição, a "dona da festa", e pela imagem de São José, que continua presente na procissão graças à Irmandade de São José, responsável por conduzir o andor por todo o percurso. O pároco destacou, que a participação dos mais jovens tem sido limitada, deixando aos fiéis mais idosos a tarefa de carregar os andores.

Sobre a imagem do Menino Jesus, conhecida localmente como Deus Menino, o pároco explicou que, ao assumir a paróquia, a tradição de incluir sua imagem na procissão já havia sido descontinuada. Segundo ele, a decisão foi motivada pela ausência de voluntários dispostos a carregar o andor, o que inviabilizou a continuidade dessa participação. Em anos anteriores, era comum que a Sagrada Família saísse reunida na procissão, com os andores de Nossa Senhora, São José e o Menino Jesus sendo conduzidos por fiéis.

A retirada do Deus Menino do cortejo não foi alvo de grandes polêmicas públicas, mas alguns moradores mais antigos ainda se recordam com saudosismo de quando a imagem participava da festa, compondo o trio que simbolizava a Sagrada Família.

Esses dados etnográficos são reveladores de que as mudanças ocorridas no cortejo sempre irão suscitar contentamentos e descontentamentos entre os devotos e o que sobressai como resultado são articulações, nunca consensuais, entre os envolvidos, mas suficientemente aceitáveis para atender aos propósitos de devoção à Senhora da Conceição. Uma devoção cuja história do lugar remonta ao século XVII e que a memória dos devotos se encarrega, no presente, da nobre tarefa de lembrar, relembrar e reivindicar episódios, bem como questionar, redirecionar e adaptar maneiras de conduzir as celebrações, projetando-as para um futuro que se quer infinito, que “prosegue” tal como os passos de uma procissão,

marcada por desafios, percalços, mas também, profunda beleza existencial.

4. CONCLUSÃO

Para os devotos de Nossa Senhora da Conceição, o valor da procissão não está em manter uma tradição “intocada”, mas em continuar uma prática que faz sentido e se transforma com o tempo, mantendo-se viva na comunidade. Dessa forma, para eles, a procissão é muito mais do que um símbolo cultural “engessado”: é uma celebração viva, que une as pessoas, reforça os laços e renova, ano após ano, a identidade de quem dela participa.

A procissão de Nossa Senhora da Conceição não é um objeto cultural fixo, mas, sim, uma prática viva no tecido social que a produz. Conforme Néstor Canclini observa, “as culturas já não se agrupam em grupos fixos e estáveis” (1998, p. 304). Em um contexto de culturas híbridas, eventos como a procissão se reinventam ao longo do tempo, ressoando com a comunidade e reafirmando sua relevância.

Na procissão de Nossa Senhora da Conceição, as decisões sobre mudanças – como a inclusão ou retirada da Bíblia, ou então, a retirada da imagem do Menino Jesus e de imagens de santos padroeiros dos povoados do município, bem como de municípios vizinhos – refletem o esforço contínuo de equilibrar tradições vivas com adaptações às realidades contemporâneas. Esse processo destaca o patrimônio cultural como uma prática viva e negociada, moldada pela comunidade e por influências externas.

A procissão, em cada um de seus detalhes, reflete a identidade e devoção da comunidade, renovando-se continuamente. Dessa forma, ela exemplifica como as identidades culturais são preservadas e renovadas,

reforçando que o patrimônio cultural é um fenômeno dinâmico e adaptável. Sendo assim, a participação ativa da comunidade é fundamental para que o patrimônio imaterial siga vivo e com significado. Ao participarem, os devotos dão continuidade à procissão, não apenas preservando-a, mas também adaptando e atualizando o seu valor, garantindo que ela faça sentido para cada nova geração e se mantenha ligada à vida comunitária, em um movimento dinâmico, moldado pela interação entre passado e presente.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Difel, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é folclore**. 4^a. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A festa do santo de preto**. 2^a. ed. Rio de Janeiro: FUNARTE; UFGO, 1985.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Cultura e saber do povo: uma perspectiva antropológica. **Revista Tempo Brasileiro**. Patrimônio Imaterial. Rio de Janeiro, nº. 147, pp. 69-78, 2001.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Duas ou três coisas sobre folclore e cultura popular. In: Seminário Nacional de Políticas Públicas para as culturas populares. 2005, Brasília. **Anais do Seminário Nacional de Políticas Públicas para as culturas populares**. Brasília: Ministério da Cultura, 2005.
- CUCHÉ, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru-SP: EDUSC, 1999.
- GOMES, Edilton Mascarenhas. **Aspectos identitários do culto a Nossa Senhora da Conceição da Feira – BA**. 2021. Dissertação (Mestrado em Arqueologia e Patrimônio Cultural) – Programa de Pós-Graduação em Arquelogia e Patrimônio Cultural, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2021.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria do pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, pp. 13-24.

IGREJA NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DA FEIRA. **Livro de Tombo da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Feira.** Conceição da Feira: Arquivo da Igreja Nossa Senhora da Conceição, 1858. Manuscrito.

JURKEVICS, Vera Irene. Festas religiosas: a materialidade da fé. **História - Questões & Debates.** Curitiba. v. 43, n. 2, pp. 73-86, 2005.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. [1925]. In: **Sociologia e Antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2003.

PANTOJA, Vanda; MAUÉS, Raymundo Heraldo. O Círio de Nazaré na constituição e expressão de uma identidade regional amazônica. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 57-68, 2008.

PEREZ, Léa Freitas. Passos de uma pesquisa nos passos das procissões lisboetas. **Centro de investigação e estudos de sociologia – CIES. E-Working Paper.** Portugal, nº. 101, 2010.

DEL PRIORI, Mary. **Festas e utopias no Brasil Colonial.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. Unidade e diversidade através da festa de Corpus Christi. In: JANCSÓ, István; KANTOR, Iris (org). **Festa: cultura & sociabilidade na América Portuguesa. Volume II.** São Paulo: Hucitec; Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp; Imprensa Oficial, 2001 (Coleção Estante USP – Brasil 500 Anos; v. 3).

SANTOS, Beatriz Catão Cruz. A festa do corpo de Deus no império português. **Locus: Revista de História.** [S.I], v. 10, n. 2, pp. 23-33, 2004.

SANTOS, Jadson Ferreira dos. **Conceição da Feira:** roteiro histórico. Cachoeira, BA: Laboratório de Ensino de História do Recôncavo da Bahia. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2017. Disponível em: <https://www.rodahistorias.pro.br/post/concei%C3%A7%C3%A3o-feira-roteiro-hist%C3%B3rico>. Acessado em: 05 de setembro de 2025.

SANTOS, Maria dos. **Conceição da Feira:** terra da gente. Conceição Feira, BA: Santana, 1996.

TORQUATO JÚNIOR, Emiliano. “**E lá vem ele**”: uma etnografia da procissão do Senhor Bom Jesus dos Navegantes em Penedo/AL. 2018 Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2018.

VELOSO, Mariza. O fetiche do patrimônio. **Revista Habitus**, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 437-454, 2006.

SOBRE OS AUTORES:

Wilson Rogério Penteado Júnior

Doutor em Antropologia Social. Professor Associado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Docente no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural-UFRB.

E-mail: penteadowjr@ufrb.edu.br

Tatiane Amorim da Silva Sacramento

Graduada em Museologia pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia e Patrimônio Cultural, da mesma Universidade.

E-mail: tatyasacra@gmail.com

Artigo recebido em: 20 set. 2025. | **Artigo aprovado em:** 28 nov. 2025.

ⁱ Sobre isso, consultar http://www.seagri.ba.gov.br/sites/default/files/mapa_agri_identidade_def.pdf e <https://www.ba.gov.br/cultura/314/divisao-territorial-da-bahia>.

ⁱⁱ O valor total de bens e serviços produzidos no município (PIB) produzido no município, de acordo com o IBGE, em 2021, foi de R\$ 376,05 milhões, com PIB per capita de R\$16.397,98, ocupando a 114^a. no ranking entre os municípios em nível estadual e a 2149^a. em nível nacional. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/conceicao-da-feira>. Acesso em 23/08/2025.

ⁱⁱⁱ O Dogma da Imaculada Conceição foi proclamado em 8 de dezembro de 1854, pelo Papa Pio IX, que através da Bula "Ineffabilis Deus", estabelecia que a Virgem Maria havia sido preservada do pecado original desde o primeiro instante da sua concepção. Disponível em <https://www.montfort.org.br/bra/documentos/decretos/20060220/>. Acesso em 25/08/2025.

^{iv} Também denominado quadro de Jesus Misericordioso, corresponde a uma iconografia popularmente conhecida e que representa a aparição de Jesus ornada com raios nas cores vermelho e branco emanando de Seu coração.